

**CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**Anexo 14.1 - 35 - Ata da 6ª Reunião Ordinária do Comitê
Indígena de Monitoramento do trecho de Vazão
Reduzida**

1 *Maria Zor*

ATA DA 6ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO COMITÊ INDÍGENA DE MONITORAMENTO DO TRECHO DE VAZÃO REDUZIDA

Aos oito dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, no Hotel Castelo, na cidade de Altamira, Estado do Pará, reuniram-se os representantes das seguintes terras indígenas e aldeias: Arara da Volta Grande do Xingu: TerrãWangã, Guaray-Duan; Paquigamba: Aldeias Paquigamba, Miratu e Furo Seco; e, ainda, os representantes da FUNAI, Sra. Estella Libardi de Souza e Dany Shin Park (procurador da Funai); da Norte Energia: Sr. André Tambara, Fabrício Nunes, Sandro Tetsuo, Fabrício Frota, Bruno Lapenda, e Sra. Carla Moura e Marisia; da Engetec, Sr. Rodrigo Corrêa, Sr. Marcos Dertoni, Sr. Washington Rossi, Sra. Marcela Lima, Natana Pereira e Rodrigo Paster; da LEME: Maurício Moreira; da Verthic: Sr. Igor Ferreira e Renata Utsunomiya para a 6ª Reunião Ordinária do Comitê Indígena de Monitoramento do Trecho de Vazão Reduzida. O representante da Norte Energia, Sr. André Tambara, abriu a reunião às 11:42, e iniciou a convocação dos membros titulares e suplentes do Comitê, verificando os presentes. André Tambara, passa a palavra para o Fabrício Nunes mostrar a estrutura da apresentação que será discutida hoje, a qual tem por base esclarecer as dúvidas das atas de reuniões anteriores, além de responder aos questionamentos da última apresentação do Programa de Supervisão Ambiental - PSA nas aldeias (de 24/11 a 02/12/2014) e pergunta se todos concordam com essa dinâmica. Giliard/Miratu diz que ficou acordado que as reuniões teriam que ser nas aldeias, e a última reunião do TVR que ocorreu no hotel Castelo disseram que não foi dada continuidade porque teriam que receber diária da Norte Energia-NE, caso não recebam a diária, informa que não terá reunião. André informa que conversou com a superintendência e não tem previsão de diárias, o que está sendo oferecido pela NE é transporte, hospedagem e alimentação. Giliard/Miratu reafirma que ficou em ata que teria que ter a diária, no caso de reunião fora da aldeia, porque a reunião só estava ocorrendo fora da aldeia porque a Leme só participaria se a reunião ocorresse em Altamira, e que não se recusavam a participar de outras reuniões em Altamira sem diárias, mas a do TVR só participariam em Altamira se recebessem diárias, informa também que não tem nada de lucro em sair da aldeia. André informa que o lucro dessa reunião é em tirar todas as dúvidas dos indígenas em relação ao monitoramento. Os indígenas se retiraram da reunião para conversar e decidir sobre a continuidade da reunião. Os indígenas retornam e, Giliard/Miratu informa que vão aceitar esta reunião, mas que seja a última sem diária se ocorrer fora de aldeia, porque um dos motivos para não continuidade da reunião anterior, além da falta de diárias, seria a ausência da Leme, como hoje a Leme está presente, eles irão ficar na reunião. Solicita que seja convocada reunião extraordinária para colocar no regimento ou que as reuniões serão necessariamente nas aldeias, excluindo a possibilidade de realização de reuniões fora das aldeias ou que sejam pagas diárias se a reunião ocorrer fora das aldeias. Giliard fala que tem que fazer a eleição do novo secretário. André pergunta se concordam com a estruturação. Estella/Funai informa que o primeiro ponto de pauta é a nomeação do novo secretário e caso tenham alguma dúvida os indígenas irão questionar. Fabrício Nunes reafirma que a estruturação da apresentação está

Rodrigues Jordano Rents
Estella Libardi de Souza
Maria Zor

Miriam?

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

2 AN NORTE MARIZAN

mariz

contemplando os questionamentos anteriores. André dá início à votação do novo secretário: Norte Energia apresenta André Tambara/NE como candidato: Só Obteve 01 voto dos titulares, dentre os 07 possíveis. Os Indigenas apresentaram Marizan/Paquigamba como candidato, o qual obteve 6 votos, dos sete possíveis. Com isso, a partir da próxima reunião, Marizan/Paquigamba será o secretário. Estella/Funai pede que fique registrada, a convocação da reunião extraordinária. André pede para determinar esta data com base no regimento. Estella/Funai propõe que seja realizada hoje mesmo, após a realização da reunião ordinária. 06 titulares, dos 07, concordaram. Fabricio Nunes/NE dá início a apresentação. Fabricio N/NE informa que a Leme está presente hoje, para eliminar todos os questionamentos possíveis neste âmbito. Fabricio N/NE apresenta quem é quem, o papel de cada um: NE (empresendedor), Agrar/Engotec (Empresa executora do PSA – Divulga os resultados dos monitoramentos nas aldeias), LEME Eng (coordenadora dos programas de monitoramento do PBA-Geral), Biota (executa alguns monitoramentos de quelônios), ALIEGA (realiza o monitoramento de qualidade de água) e HXR (monitoramento Hidrológico). Fabricio N/NE informa que as questões que o PSA não conseguiu responder no momento da apresentação nas aldeias, ele trará as dúvidas da comunidade e discutirá com as equipes e depois retornará com as informações para as Aldeias que ocorre dentro das ações de divulgação dos resultados. Informa também que todos os trabalhos são acompanhados pelas equipes da NE (Superintendência Físico Biótico - SFB e Superintendência Socioeconomia-SSE) que também poderão sanar as dúvidas. Fabricio N/NE informa que será apresentado o hidrograma ecológico, onde buscará esclarecer as dúvidas que surgiram na comunidade. Fabricio Frota/SFB apresenta o Hidrograma hidrológico. Fabricio F/NE informa que o Maurício/Leme está presente para esclarecer qualquer dúvida que surja, pois este acompanha todos os monitoramentos do PBA-Geral. Fabricio F começa a apresentação do Hidrograma Ecológico. Gilliard/Miratu pergunta quando que foi registrada a vazão de mais ou menos 490 m³/s, e Fabricio F/NE informa que foi na década de 60. Cleison Juruna/Paquigamba diz que essa vazão de 490 m³/s durou por 2 meses, a preocupação dele é que com a barragem se prolongue até 6 meses com essa vazão. Fabricio F/NE informa que não será prolongado por 6 meses, por exemplo a previsão é que em outubro, a vazão será de 700 m³/s. Maurício/Leme diz que hoje tem cheia e seca. A ideia do cronograma é de após a barragem, manter este ciclo (seca/cheia), de imitar a natureza só que com menos água. Uma parte da água do rio Xingu será encaminhada para produzir energia nas turbinas. Quando ocorrer os picos de cheia/seca, irá permitir que a água caminhe para os igapós, com quantidade de água menor que hoje tem no rio. Zé Carlos/Guaryduan pergunta qual a garantia que NE dará aos índios de que realmente isso vai acontecer até 2020, por exemplo, se o empreendedor irá visar somente o capital com a geração da energia, pois a energia também não será utilizada aqui no estado. Maurício/Leme diz que a garantia, é que essa forma de funcionar a VGX, foi aprovada e está registrada em documento da agência (Agência Nacional da Água - ANA, Agência nacional de energia elétrica - ANEEL) que cuida da água no país. Todo esse gerenciamento é feito com registros de vazão e produção de energia. Isso tudo também é uma obrigação do IBAMA, pois ele emite as licenças com base nesses

Estellabardi

Produção

Norma Paulo

2

Resolução 3

Marizan?

3 Mariana Fernandes

registros, desse instrumento legal. Zé Carlos/Guaryduan, diz que o que ocorreu com a oitava faz com que eles não descartem a hipótese de ocorrer novamente. Diz também que tem muitas fábricas esperando essa energia, e que vão gerar empregos em outros lugares e não aqui e que a NE não vai querer deixar de fornecer energia para essas empresas - Nós fomos pisoteados no caso das oitavas. Maurício/Leme diz que tem mais uma garantia, pois a NE é obrigada a fazer um monitoramento de 6 anos seguidos no hidrograma de consenso para se avaliar os impactos, porque tudo que é proposto no EIA é uma suposição através de simulações. Gilliard/Miratu pergunta se esses 6 anos contam a partir de quando? Maurício/Leme diz que já está ocorrendo e vai até 2025. Gilliard/Miratu diz que fica muito triste porque esta vazão quem vai controlar é o homem não é a natureza. O peixe vai controlar, o peixe não vai se preparar para a desova, dá o exemplo da curimatã, que ela enche a ova quando recebe água nova e quando ver que não vai ter água nova ela murcha. Num primeiro momento vai ter muito peixe porque vão ficar nos poços, mas depois vão acabar. Maurício/Leme diz que por esse motivo que deve-se fazer o monitoramento. Diz que esse impulso do Xingu tem que ocorrer. Com base em outras usinas, diz que a natureza sofre no início certo stress, mas depois ela vai se adaptando e procurando um novo equilíbrio para se adequar. Por exemplo, o peixe curimatã pode ter um stress num primeiro momento, mas ele vai se adaptar ao novo equilíbrio. Zé Carlos/Guaryduan, questiona como o peixe irá subir o Bacajá, se o mesmo vai estar reduzido? Pois, só sobe se tiver descendo, água. Outra coisa, que o preocupa, é se nesse período que já tem 2 anos de monitoramento, como estão avaliando e monitorando a questão da claridade do canteiro refletindo nas comunidades? Pede que seja respondida até o final da reunião. Gilliard/Miratu pergunta como está o monitoramento do peixe, pois na parte do TVR diz que não teve impacto e que esse impacto só está ocorrendo no iriri e perto da maribel, mas afirma que já sente impacto na região da VGX, que está prejudicando a alimentação e gostaria de saber o que está acontecendo e qual monitoramento está sendo feito. Maurício/Leme diz que existem 2 monitoramentos: o monitoramento da ictiofauna e o monitoramento do pescado (e se peixe para consumo, o qual levanta como está sendo feito o desembarque do pescado (e se registra a origem desse pescado) ao longo do tempo, pois é realizado diariamente, e já está sendo feito há 3 anos. A quantidade de peixe varia de ano para ano e isso está sendo registrado e até agora não foi registrado nenhum evento diferente do normal. Até o último Relatório consolidado semestral - RCS não foi detectado nenhuma variação evidente. Informa que está sendo registrado que está ocorrendo um acréscimo no número de pescadores nas áreas. Gilliard/Miratu pede que a Leme levante quantos pescadores existiam antes na região, diz que antes da barragem só 1 pescador pescava 40 a 50 pacus, hoje nem a comunidade toda junta pesca isso, é muito pescador e não é quantificada a quantidade de pescadores na região hoje. Maurício diz que é constante uma reclamação de pescadores, cerca de 10 anos, de que está ocorrendo a diminuição dos peixes, existem vários rios no país que existe essa queda no pescado. O preço do pescado hoje em Altamira é 12 a 14 reais e isso também pode criar uma pressão maior em pescaria. Jair/Muratu, pergunta por que se

24

Estalabauer

~~3~~

Rodrigo Ferreira Vante

3

~~Maurício~~

3

Maurício

~~3~~

~~3~~

~~3~~

~~3~~

~~3~~

marizor
sum
Rodrigo

faz o monitoramento em Vitória de Xingu? Maurício/Leme diz que tem que fazer essa análise sim, como um todo. Jair diz como os estudos vão detectar o impacto se não tem nenhum ponto dentro da Terra Indígena - TI. ? O estudo da Leme compara o peixe do iriri e o de Vitória juntos numa análise só? Maurício/Leme diz que se tem 05 locais para fazer o levantamento do monitoramento, é uma rede de monitoramento que vai detectar os peixes da região e a composição dos diversos tipos de peixes que são monitorados e isso é repetido 4x/ano nesses 5 locais da VGX (contando o cotovelo, ilha da fazenda, Jericó e 2 no bacajá) e com o tempo pode-se detectar quais os tipos de peixe e a composição da diversidade de peixes. E assim teremos conhecimento de todos os peixes que estão lá. Gilliard/Miratu quer que seja feito monitoramento só no TVR, pois nos monitoramentos que o PSA tem mostrado não aparecem os peixes que eles pescam. O pacu não aparece e o tucunaré muito pouco. Maurício/Leme diz que a ictiofauna está preocupada com toda a cadeia de peixes, e não com um em específico para consumir ou vender. Com a ictiofauna pretende-se conhecer todos os peixes que ali estão, inclusive os bem pequenos, que são o alimento para toda a cadeia. Gilliard/Miratu diz que o monitoramento da Leme não pesca da mesma forma que os índios, que é diferente da cultura deles. Tem que usar outros tipos de tralha para pescar aqueles peixes. Zé Carlos/Guarydian, diz que a captura dos peixes pelos índios é diferente da captura do monitoramento. Diz que tem uma parede naturalmente no Jericó, quem tá embaixo não vai subir. A partir do momento que fechar o rio vão ter 2 paredes e vai ser incomparável o que vai estar no TVR e o que vai estar depois do Jericó. Diz que tem que exigir o monitoramento no TVR, nas TIs. Diz que tem que ter ponto entre as 2 TIs. Maurício/Leme diz que o monitoramento dos peixes obedece a uma metodologia que é repetida em todos os locais monitorados e que é uma metodologia aplicada pela UFPA. Gilliard diz que em todos os lugares é diferente daqui, que nesse caso parte da água vai ser desviada e o pouco que passar ainda é controlado. Maurício diz que realmente aqui é um caso único, já existem usinas dessa forma, e que a diferença que aqui o tamanho do TVR é maior e isso torna a UHE BM um caso único. Gilliard diz que por isso quer um estudo diferenciado só no TVR. Fabricio F diz que as demandas solicitadas à Leme deve ser enviada à NE, pois ela é contratada da NE. Zé Carlos, diz que sabe disso, mas não retira a responsabilidade da Leme. Fabricio F diz que esse trecho é monitorado e diz que está entendendo que os indígenas estão querendo mais pontos de monitoramento entre as aldeias. Zé Carlos diz que não interessa pra eles o monitoramento acima ou abaixo da VGX e solicita a NE que o monitoramento seja feito específico no trecho entre as 2 TIs e não seja comparado com outros trechos, não lhes interessa o monitoramento em Porto de Moz e sim o da VGX, nem pra cima e nem pra baixo são prejudicados como a VGX. Gilliard diz que quando aparece impacto no Iriri, ele pensa que a NE já está se precavendo para o futuro, no caso de uma futura UHE no Iriri. Fabricio F pergunta se entenderam o Hidrograma de Consenso, por exemplo, se em 2016 entra em operação começará com o hidrograma B. Fala também sobre o plano de gerenciamento integrado da VGX que é uma análise específica da VGX e vai até 2025. Sendo que alguns programas irão continuar, como o monitoramento da qualidade da água. Por isso que está sendo feita a modelagem matemática dos principais

Rodrigo

Rodrigo
summa Porto

Miriam

Estrela

Estrela

Estella pergunta sobre a alternância nos hidrogramas A e B.

Maurício/Leme diz que o que foi aprovado na ANA é que se trabalhará com 2 hidrogramas.

Um é quando ocorrer de trabalhar com vazão máxima de 4000 m³/s e no ano seguinte terá

que garantir 8000 m³/s. Gilliard/Miratu pergunta como a NE está se posicionando em relação

a Belo Sun. Maurício diz que esse item foi objeto de conversa numa reunião com o Ibama e

Funai em Brasília. Diz que uma das condicionantes da NE é manter o plano de

gerenciamento integrado da volta grande do Xingu. Diz que está sendo realizado

monitoramentos no rio Xingu desde 2012, e com isso tem um registro muito próximo da

realidade de como é o rio Xingu atualmente e do que vai ser só com o empreendimento da

NE. Maurício acredita que o órgão licenciador da Belo Sun irá exigir monitoramento por

parte dela também. Belo Sun está previsto para terminar a construção em 2017. A NE já

está com a barragem fechada. E com isso a NE saberá a sua realidade. Gilliard diz que uma

empresa vai jogar o impacto para a outra e as populações irão ficar com o prejuízo. Maurício

diz que a natureza dos impactos são diferentes: Belo Sun terá uma mina em terra e uma

bacia de rejeito. Os contaminantes da Belo Sun são típicos da atividade de mineração. Os

possíveis impactos da UHE de Belo Monte são oriundos da diminuição da vazão e da área de

inundação. E que a natureza dos empreendimentos é completamente diferente. Zé

Carlos/Guaryduan diz que é muito preocupante, o primeiro passo foi dado, que foi Belo

Monte, que no ver dele, o empreendedor foge da obrigação, da perda da vazão para os

indígenas. Zé Carlos/Guaryduan diz que o número de pessoas aumentou nas aldeias e nos

rios, e que isso já é um impacto. Zé Carlos retira da Leme e coloca para a NE responder sobre

o impacto da claridade nas aldeias. A reunião é paralisada para o almoço (13:11) e o retorno

será às 14 horas. As 14:30 André Tambara faz a chamada dos titulares e a reunião teve

início. Fabricio N informa que com a primeira parte da reunião foram respondidos os

questionamentos das atas de reuniões anteriores. E que agora serão apresentadas as

dúvidas ocorridas na última apresentação do PSA (24/11 a 02/12/14). Sobre o

questionamento da temperatura após o fechamento do reservatório, Fabricio F informa que

de acordo com a modelagem matemática realizada para verificar como ficaria a temperatura

no TVR, e no resultado do estudo essa variação da temperatura ficará em torno de 28 a 32º,

ou seja, irá se comportar como já vem ocorrendo hoje. Fabricio N informa que assim finaliza

os questionamentos sobre o hidrograma e que vai para o 2º ponto que é a navegação no

TVR. Maurício/Leme lembra que o hidrograma que está proposto, foi considerado para

manter as condições de navegação. O que se prevê é que ele dará condições de fazer a

navegação, conforme todos os estudos que foram feitos. Além disso, foram indicados os

pontos críticos de hoje, para navegação. Esses pontos são 23, e a partir desses pontos foram

definidos 05 locais como mais importantes, por serem rotas de navegação e passagem para

o Paquigamba. O local que talvez se tenha mais dificuldade seria a percata no rio bacajá. O

próximo RCS já terá concluído essa modelagem. Gilliard pede para acrescentar 2 pontos

(cachoeira do limão e paraíso), pois não usa muito os outros 5 pontos e que utilizam mais

esses 2 pontos propostos e que só os indígenas utilizam esses 2 pontos propostos que para

eles são pontos importantes. Maurício/Leme diz que irá verificar esses dois pontos dentro

de 5 dias

Rodrigue Junior Neto

Handwritten signature

Handwritten signature

Resumo 3

Handwritten initials

Maiame?

Handwritten initials

Handwritten initials

Handwritten initials

Rosildo Soares

Handwritten signature

Handwritten signature

Estellabscudi

Handwritten initials

Marizana Soares

velocidade e com isso há um movimento maior no fundo do rio, ocorrendo um aumento da turbidez. Fabricio F explica através do gráfico de turbidez no rio Xingu (pontos RX 02 e RX 24) que também apresentaram aumentos na turbidez. Informa que quando aumenta a vazão, vai ocorrendo um maior transporte de sedimento. Para o período de enchente, há uma alteração natural na turbidez da água, devido ao transporte de sedimento. Fala que o que passa de sedimento no Xingu em 1 ano, no rio Madeira ocorre em 1 dia, por isso que a água do Xingu é de classe 2, pois tem uma qualidade boa. Estella pergunta qual a periodicidade de monitoramento dos pontos e porque janeiro de 2014 é tão elevada em relação aos outros anos. Fabricio F explica que o índice de turbidez é diretamente relacionado a vazão do rio, ou seja, se a vazão aumenta, a turbidez também aumenta, e que em geral ocorre em janeiro no início da enchente, tanto que mostra que à montante também ocorreu esse aumento da turbidez. O monitoramento é dividido trimestralmente enchente, cheia, vazante e seca, ou seja, a finalidade é monitorar o período hidrológico, por exemplo, dezembro e janeiro é caracterizado como período de enchente. Foi acordado com o Ibama que seria realizado o monitoramento em janeiro, abril, julho e outubro para melhor caracterização e também para coincidir com o monitoramento da ictiofauna. Gilliard diz que deveria ser semanal, pois durante a construção da ensecaadeira disseram que o rio estava sujo, mas não foi monitorado no momento em que devia e não foi registrado. Zé Carlos diz que como não vai ter alagamento da área das ilhas à jusante, o vento, a chuva e o próprio banzeiro poderão causar o carreamento de solo destas ilhas pela água do rio. O que irá alterar a qualidade da água. Fabricio F diz que durante a construção da ensecaadeira de pimental foi feito monitoramento diário e semanal. O mesmo procedimento será adotado para a construção da ensecaadeira na margem direita, ou seja, diário por 2 semanas, depois semanal e mensal. Nos 7 pontos de monitoramento à jusante da barragem incluindo as aldeias e a ilha da fazenda. Gilliard pergunta como é feita a derrubada das árvores das ilhas, se usa algum veneno. Pois, viram um açaizal morrendo no local onde será construído o canal e pergunta se foi utilizado veneno. Fabricio F diz que não é utilizado veneno e sim máquina/trator e motosserra. Fabricio F informa que o açaizal é bem sensível, e que o carreamento de algum solo pode ter afetado o mesmo. Marizana pergunta se serão retiradas todas as ilhas ou apenas as perto das barragens. Maurício informa que 50% da área alagada do reservatório do Xingu terá a vegetação retirada, incluindo áreas da margem e ilhas. Essa decisão de quantidade de área a ser retirada, também é feita com base em modelagem matemática de qualidade de água onde se estabelece quanto de vegetação deve ser retirada para não alterar a qualidade do rio. Zé Carlos diz que conhece todas as ilhas entre o barramento e Altamira, e diz que vai haver comprometimento na turbidez da água e diz que utiliza a água diariamente. Diz que acha pouco o monitoramento ser feito trimestralmente e sugere que no período de enchimento do reservatório seja feito diariamente. Fabricio F diz o trecho de 50% onde ocorrerá a supressão no reservatório do Xingu ocorrerá entre a barragem do Pimental e a cidade de Altamira. Informa ainda que na fase de enchimento está previsto o monitoramento nos pontos diariamente, principalmente para verificar o parâmetro de oxigênio da água. Informa que os pontos próximos às aldeias, serão monitorados durante a

Marizana P.

Estella J. Soares

Marizana P.

Estella J. Soares

Marizana Soares

Marizana Soares

Naiana P

Estalado da...

8 *maison*

maison

Fase de enchimento devido a preocupação com a qualidade da água. Fabricio F mostra slide com fotos da biota aquática do rio Xingu, para mostrar a importância da ictiofauna. E diz que todos os rios possuem essa biota aquática para preservar a vida no rio. Gilliard diz que se vão tirar 50% das ilhas, que as árvores que ficarem mesmo que parcialmente alagadas acabarão morrendo e irão cair na água. Diz que por isso será sim necessário construir um poço na Terrawangã. Em relação às fotos que ele mostrou, existe em todos os rios do mundo. São microrganismos que fazem parte da cadeia alimentar dos peixes. Josinei diz que quando abrir as comportas metade dos resíduos irá descer o rio em direção às aldeias. Fabricio F diz que a previsão é retirar 100% dos resíduos suprimidos das ilhas. Nildo/Furo seco diz que com a retirada de 50% da vegetação questiona sobre as áreas sem ser ilhas que também serão alagadas, como pastagens, baixões. Fabricio F diz que áreas das margens do rio também serão suprimidas. Fabricio F diz que ficarão ilhas de pequeno porte e pouca vegetação e que a modelagem mostrou que com a não supressão dessas áreas não ocorrerá problemas de qualidade de água. Zé Carlos, diz que o poço da casa do índio também está contaminado já que está na cidade de Altamira. Mauricio diz que depende da profundidade do poço. Fabricio F diz que está falando dos poços rasos de Altamira e não dos poços profundos existentes nas aldeias. Gilliard pergunta quais são os pontos onde os animais estão sendo realocados. Pede para que seja informado sobre estes locais. Fabricio F diz que geralmente são áreas onde não terá supressão. A SAI irá verificar e informar quais são estas áreas e repassar para a FUNAI (mapeamento de soltura) e vai orientar a equipe para não soltar perto da TI. Fabricio N informa que os questionamentos sobre qualidade de água finalizaram. Gilliard pergunta quanto tempo esses animais ficam presos. Mauricio/Leme informa que o animal não é preso, é capturado, aliás, antes disso, é feito o afugentamento. E os animais que não fogem sozinhos e que não estão machucados são soltos imediatamente. Mauricio/Leme informa que para transportar do local de captura para o local de soltura é necessário coloca-lo dentro de um recipiente/espécie de gaiola para o transporte. Fabricio N informa que os resultados da ictiofauna já foram apresentados nas comunidades, e por isso agora devemos tratar das dúvidas. Gilliard solicita que seja colocado chip nos animais (caça terrestre) das TIs para saber se eles continuam na região. Mauricio/Leme diz que isso é feito nos peixes e será feito nos tracaças e não há previsão para os terrestres. Gilliard diz que não está encontrando os porcos nos locais de costume e acredita que eles estejam migrando para outro lado da TI. Fabricio N apresenta slide com as dúvidas para discussão na reunião. Gilliard acha que pode até ser que os peixes subam devido a enchente do rio, mas com a diminuição da vazão acredita que estes não irão mais conseguir subir as cachoeiras. Sandro/NE informa que dos 10 filhotes marcados pelo menos 1 conseguiu subir as cachoeiras e 1 pirarara marcada foi detectada próximo à São Felix do Xingu, diz que claro que não são todos os peixes que conseguem transpor as cachoeiras. Gilliard diz que teve uma pirarara que subiu o bacajá, nos xicrins. Gilliard diz que não é feito o acompanhamento do monitoramento da caça pelo PSA. Marcela/Agrar informa que o monitoramento está previsto para peixes e tracaças e que o que combinou com os indígenas foi para acompanhar visita ao centro de monitoramentos ambientais. Fabricio N informa que na reunião ocorrida

Roberto Ferreira Leite

8

Sedmg 33

Basilado Soares

marizawa

marizawa

na aldeia paquigamba ficou pactuado o monitoramento participativo de caça e pesca realizado pelo PGTI. Sobre os sítios do monitoramento, Maurício/Leme diz que os locais de monitoramento foram definidos pelos técnicos da ictofauna para a malha amostral. Gilliard diz que com a ampliação da TI Paquigamba, agora tem ponto de monitoramento dentro da TI. Jair diz que quem escolheu foi o Ibarma e não os técnicos. Jair diz que não tem um monitoramento específico para o tucunaré, matrinxã e outras espécies de consumo dos indígenas. Sandro informa que esta pesca é diferenciada, científica e não para consumo e venda e sim identificar todas as espécies que fazem parte da bacia do VGX. Maurício/Leme lembra a importância dos peixes pequenos. Gilliard diz que o monitoramento é do TVR o que significa que é da barragem para baixo, e o que está à montante não interessa mais. Então se é no TVR tem que ser só para a área dos indígenas. Sandro diz que o monitoramento dos peixes é feito pelo PBA geral, para pegar toda a área. O que foi apresentado para os indígenas é o específico para a região de Belo Monte. Gilliard insiste que tem que ser feito o monitoramento exclusivo no TVR. Sandro diz que os dados repassados para os indígenas é o monitoramento para toda a região que abrange o TVR. Maurício diz que o Gilliard fala é correto, e que dá para fazer uma análise só com os dados da VGX. Diz que tem toda uma análise só com VGX: Jericoá, ilha da fazenda e bacajá. Maurício diz que essa análise já apareceu em relatórios para o Ibarma e neste próximo RCS vão ter alguns monitoramentos somente na VGX. Marcela diz que no caso do monitoramento da ictofauna era feito geral, e ratifica que o que o Maurício está dizendo é que agora serão apresentados dados específicos da VGX. Estella diz que já apareceu em outras atas, que já foi solicitado que fossem inseridos novos pontos de monitoramento os indígenas solicitaram que fossem incluídos novos pontos entre as TI e que na verdade o empreendedor e quem propõe os pontos e que o Ibarma aprova. As 16h30min a reunião foi interrompida para intervalo de café. A reunião foi retomada às 17 horas. Sobre o monitoramento do peixe, Gilliard sugere que seja feito monitoramento entre as 2 terras indígenas, sugere que seja 01 entre as TIs. Marcela/Agrar informa que quando da apresentação nas aldeias no caso estudo de ictioplacton, este não diz onde cada espécie desova, foi explicado nas aldeias que há uma dificuldade de identificar as larvas, e na nova metodologia que está sendo ajustada vai permitir melhor identificação do material coletado e diz que os indígenas querem saber se no próximo RCS vai ter análise por espécie. Sandro informa que é um estudo de longo prazo, e que no próximo RCS não vai aparecer o tipo de espécie, talvez por grupo, até porque no Xingu tem muitas espécies, por isso que foi proposto o estudo do DNA, mas afirma que é um estudo mais complexo para apresentar resultados neste próximo RCS. Marcela/Agrar pergunta se vai ter coleta de ictioplacton no igapó. Sandro explica que as coletas são feitas no leito principal do rio. Explica também que é analisado o estômago dos peixes capturados para verificar a alimentação deles e o local de desova. Fabricio N informa que também foi apresentado pelo PSA o programa de pesca sustentável, e que agora serão apresentadas as dúvidas da comunidade. Marcela explica que quando o PSA apresentou o projeto de pesca sustentável, o monitoramento mostra que houve um aumento da produtividade e os indígenas discordaram. Sandro explicou que tem uma tendência de crescimento (está

Estellalmeida

[Signature]

[Signature]

naiana P.

Resumo Termino Parte 2 [Signature]

Resumo 21

[Signature]

[Signature]

[Signature]

Ronildo Soares

[Signature]

Maximiliano Ferreira

mauro

estável com tendência à aumento), e que a pesca é uma atividade sazonal, tem seus altos e baixos. Diz que na bacia como um todo não vê uma diminuição dos peixes. Sandro pergunta quantos tem carteira de pesca, ou se algum dos indígenas presta informação para o pessoal da universidade sobre o desembarque pesqueiro. Jair diz que não participam desse projeto. Mas, informam que tem indígenas que desembarcam em Altamira, mas que não prestam informação para este projeto. Zé Carlos diz que já desembarcou peixes algumas vezes, mas que nunca prestou informação para este projeto da universidade. Sandro sugere que os indígenas anotem o nome das pessoas para as quais eles vendem o peixe, para verificar se este pescador está prestando informação para o projeto da universidade, e caso estes não estejam sendo monitorados, a NE repassa os nomes para o monitoramento. Zé Carlos diz que na aldeia Paquigamba tem uma pessoa (PGTI) que está fazendo um trabalho parecido com esse. Gessiane/paquigamba, diz que não importa pesar e medir o peixe no desembarque pesqueiro, acha que não tem nada a ver. Gilliard/Muratu diz que tem que saber de onde vem esse peixe (do desembarque) para ver se é o peixe daqui que realmente diminuiu. Diz também que o Tucunare de Vitória do Xingu tem sabor diferente do pescado em Altamira, por isso é possível identificar que os peixes vendidos aqui vem de outros lugares. Informa também que faz monitoramento da pesca através da associação deles AYMIIX, acompanhado com a UFPA, para usar como parâmetro de comparação com o da NE no futuro. Diz que não concorda com a metodologia adotada pelo PGTI de 05 dias em cada aldeia. Informa que o peixe é diferente em cada aldeia, apesar da proximidade entre elas. Sandro informa que há 2 meses iniciaram as entrevistas com os pescadores para identificar quais são os pontos mais precisos que cada pescador realiza as suas atividades pesqueiras e também sobre a percepção deles quanto aos impactos, como as explosões, por exemplo. Gilliard diz que esses estudos já deveriam estar sendo feito. Gilliard diz que a NE informa que até hoje não tem nenhum impacto comprovado, inclusive com perda de área perto do barramento que considerava um grande impacto. Sandro diz que os monitoramentos são feitos com base nas entrevistas com os pescadores e que são deles essas informações de desembarque pesqueiro. Gilliard diz que eles que são da região e são eles quem sabem sobre as áreas que tem peixes. Questiona sobre como vai ficar a questão dos peixes da pesca ornamental depois do barramento. Fala sobre o peixe acari boi de botas que é mais encontrado na saroba. Sandro diz que toda obra causa algum tipo de impacto. Gilliard diz que sim, mas que se há impacto tem que haver compensação. Sandro diz que a ideia do projeto de aquicultura de peixes ornamentais é desenvolver técnicas de cultivo dos peixes ornamentais em cativeiro, para o caso de se ter dificuldades na pesca, no futuro poder criar estes peixes. Zé Carlos propõe que se faça uma visita para conhecer este laboratório. Gilliard diz que a NE está fazendo criatório de peixe zebra, pergunta onde os indígenas entram para tirar a renda deles? Sandro diz que a ideia é de fazer planos pilotos para repassar para os pescadores as técnicas. Marcela pede para marcar uma data para visita dos indígenas. Sandro sugere que o PSA entre em contato com o pessoal do CAVÉ para realizar um passeio para conhecer todo o centro. Sandro diz que está sendo estudado 4 espécies e depois será incrementando outras 4 espécies e assim por diante. Gilliard diz que o zebra só tem na região da VGX e que por

maioria

Estalado Jacuri

Rodrigues

Rodrigues Ferreira Leite

Ronaldo Soares

Mauricio Marizan

Mauricio

isso que deve ser garantido é que se der certo essa criação do zebra que seja repassado para os indígenas a tecnologia de criação. Marizan pergunta se os índios perderem a pesca ornamental se eles irão ser recompensados? Sandro diz que com o fechamento da barragem pode ocorrer uma dificuldade de captura no reservatório. A questão da VGX pode ser que ocorra alguma diminuição em alguma espécie. Marizan pesca o zebra e outros peixes ornamentais no mergulho e não usa anzol e que a turbidez da água poderá atrapalhar. Sandro lembra que tudo que o Fabricio F apresentou sobre as modelagens para garantir a qualidade da água é justamente para não se ter problema com os peixes, principalmente para não haver mortalidade. Zé Carlos diz que tem que começar a colocar terra e fechar a barragem, talvez aumente alguma possibilidade das comunidades impactadas serem compensadas com a perda. Gillarde diz que a compensação está garantida no PBA, que qualquer impacto comprovado terá que ser compensado. Maurício/leme informa sobre os pontos de monitoramento, e fala dos pontos de controle que são mais distantes para efeito de comparação. Maurício diz que os pontos que são previstos impactos tem-se também pontos acima e abaixo que também irão servir de referência, a forma de pescar pode ser diferente, mas existem várias espécies que são comuns em todas as áreas. Gillarde acha que é errado fazer monitoramento em todo o rio Xingu e que o correto seria apenas no TVR. Gillarde questiona porque foi realizado cadastramento de pescadores ribeirinhos e não dos pescadores indígenas. Marcela diz que o cadastro que foi feito foi do projeto de pesca sustentável, e só foram cadastrados os ribeirinhos e não os indígenas, mas afirma que é um cadastro do estudo e não da colônia de pescadores. Marizan diz que foi realizado cadastro de pescadores só com carteira de pescador e diz que soube que seriam cadastrados até 300 pescadores. Maurício diz que essa é uma pesquisa acertada entre a NF e a colônia de pesca com objetivo de aprofundar o levantamento as informações sobre a atividade da pesca. Estella pergunta como é esse aprofundamento. Sandro diz que é pra saber, onde ele pesca, quantas pessoas pescam com ele, Qual a percepção dele, se há espécies que capturavam no passado e não capturam mais. Estella pergunta porque não vai ser feita com os indígenas. Sandro diz que o objetivo principal é ter um mapeamento mais detalhado de todos os pescadores. Estella diz que não será detalhado se não contemplar a comunidade indígena. Sandro informa que não é um cadastro para uma futura indenização, que não quer dizer que quem está nesse levantamento vá receber algum tipo de indenização. Gillarde diz que se no futuro ocorrer alguma impacto que leve à indenização, só vai receber quem tiver carteira. Gillarde diz que os indígenas tem que ser incluídos nesse cadastramento. Sandro solicita que seja repassado para a NE lista com nome dos indígenas pescadores para depois marcar as entrevistas. Sandro diz que as entrevistas nas comunidades são feitas de forma a identificar quem realmente pesca através das perguntas feitas a cada pescador. Fabricio N informa que agora vai ser tratado sobre o PGTI o qual apresentará o monitoramento participativo de caça e pesca nas TIs, que será apresentado pelo Igor. Gillarde diz que quer saber o que vai acontecer com os peixes ornamentais. Marcela diz que o projeto de pesca sustentável trata de pesca de consumo e de ornamentais, e que a de consumo é maior do que a de ornamental. Sandro diz que o projeto de pesca sustentável tem dados desde 2010, feito pela

M

Estellabjucdi

~~Handwritten scribble~~

Maiana P.

Rodrigo Furtado Porto

~~Handwritten scribbles~~

Rodrigos 53

~~Handwritten scribbles~~

~~Handwritten scribbles~~

~~Handwritten scribbles~~

~~Handwritten scribbles~~

Bernardo Soares

~~Handwritten scribbles~~

universidade em parceria com o Ministério da pesca. Giliarde pergunta se está sendo feito esse acompanhamento agora. Sandro responde que sim. Igor começa explicando que existem 2 PBAs: geral e do componente indígena. Que o PSA tem que passar o que o PBA geral está fazendo. Explica que o monitoramento da ictiofauna não é de pesca, é para ver como estão os peixes. E que tem o monitoramento da fauna, que não é de caça. Diz que o PGTI faz o monitoramento participativo, com os indígenas, lembra que em agosto esteve fazendo oficina trazendo os dados das aldeias, dos monitoramentos, discutiu a metodologia, os indígenas propuseram alguns ajustes, os quais já foram realizados. Igor diz que os dados do monitoramento participativo são entregues periodicamente as comunidades. Igor diz que em março foram nas aldeias, fizeram entrevistas e foi discutido o tempo em que seria realizado em cada aldeia, que teria que ser com a participação dos indígenas. Com isso ficou definido o monitoramento acompanhado por 05 dias em cada aldeia. Esse monitoramento é para ser avaliado em anos, ele vai até 2017. Igor diz que tem uma função/Edileia que acompanha os indígenas. Igor lembra como é realizado o monitoramento da pesca. Serve para mostrar como a comunidade está desenvolvendo a pesca e a caça antes do barramento, para poder responder mais a frente se impactou, se teve diferença ou não. E isso vai ser dito pelos indígenas, porque está sendo feito pelos próprios indígenas. Giliarde acha pouco 5 dias em cada aldeia. Sobre isso, o Igor informa que se fosse somente de 1 ano, realmente não seria ideal, mas como é um monitoramento que será feito por vários anos (até 2017) essa quantidade de dias é o suficiente. Igor diz que os indígenas podem fazer o monitoramento mesmo quando a função/Edileia do PGTI não estiver na aldeia, pois ele lembra que o monitoramento é participativo. Igor diz que sobre o monitoramento na TI arara da VGX, ele lembra que o Adalto não quis que o PGTI entrasse na aldeia, mas agora recentemente no subcomitê da VGX, ele autorizou a entrada, e com isso, ficou para janeiro de 2015 o início do PGTI da TI arara da VGX. Gelson pergunta se é até o início ou final de 2017? Fabricio N diz que no PO, o monitoramento está previsto até o final de 2017. Fabricio N informa que na última reunião ficou para apresentar sobre os quelônios e tracaças. E solicita para guardar a apresentação dos dados pelo PSA nas comunidades e depois trazer as dúvidas para a próxima reunião do TVR. Os indígenas concordam. Estella passa a ler alguns trechos de uma carta enviada pela comunidade Miratu e Paquigamba para verificar se foram respondidos hoje na reunião: "As espécies mais importantes para consumo alimentar e para comercialização para nós são o pacu (pacu branco, pacu de seringa, pacu cadete, pacu curruptê), o tucunarê, a curimatã, a matrinxã, o acarizão, o piaú e o trairão. O monitoramento de desembarque pesqueiro do projeto de incentivo à pesca sustentável mostra a importância dessas espécies na atividade pesqueira. Mas elas não aparecem como prioritárias no monitoramento de estoque pesqueiro e de alimentação e reprodução da ictiofauna. Assim, essas espécies devem ser incluídas no monitoramento detalhado de espécies-alvo, pois além da importância ecológica, deve ser considerada a importância cultural, econômica, e para segurança alimentar dos povos indígenas atingidos." Em resposta, Marcela informa que antes era feito estudo de hábitos alimentares com 06 espécies, mas a metodologia está sendo modificada passando a analisar 40 espécies, e o

marcelo

resposta, Marcela informa que antes era feito estudo de hábitos alimentares com 06 espécies, mas a metodologia está sendo modificada passando a analisar 40 espécies, e o

am

Estellababaci

~~Estellababaci~~

Beruldo Soares

Maiana P.

maiana

~~Estellababaci~~

Reserva Terrível

Reserva B.

~~Estellababaci~~

~~Estellababaci~~

~~Estellababaci~~

~~Estellababaci~~

~~Estellababaci~~

resultado será apresentado nos próximos RCS. Estella lê outro trecho: "Nenhum ponto de coleta do monitoramento de ictiofauna está nas Terras Indígenas ou nos locais em que mais pescamos." Fabricio N lembra que a inclusão de novos pontos terá que entrar no procedimento de licenciamento ambiental e essa solicitação deverá ser encaminhada ao IBAMA. André informa que o Comitê do TVR terá que fazer uma nota técnica e encaminhar para o IBAMA sugerindo a inserção desse ponto. Estella lê outro trecho: "Além disso, gostaríamos de rediscutir os métodos de coleta de peixes para o monitoramento de ictiofauna. Os peixes que mais aparecem nos relatórios de monitoramento de ictiofauna não são os peixes que mais pescamos (que citamos acima), e pensamos que isso é porque as trilhas de pesca utilizadas não são as adequadas para as espécies mais comuns do rio e porque não são monitorados os ambientes mais adequados para captura das principais espécies." Sandro informa que são monitorados todos os ambientes aquáticos, e diversos apetrechos de pesca são utilizados. Sandro informa que já tem dados de 3 anos de monitoramento, e com isso é difícil alterar a metodologia, porque depois não poderá mais comparar e o trabalho de 3 anos pode ser perdido Sandro informa que é uma metodologia científica utilizada em todo o Brasil. Acrescentar pontos é mais viável, do que alterar metodologia ou pontos de monitoramento. Sandro informa que agora terão câmeras fazendo o monitoramento no período da seca. Giliarde diz que este monitoramento com câmeras só dará certo na seca, quando tiver com alta turbidez vai ser difícil utilizar a câmera. E que tem que acrescentar pesca com linha. Estella pergunta se é feita pesca com linha e porque não pode ser acrescentado. Giliarde reforça que tem que ser incluído a linha para ver a dificuldade que tem para pescar com a linha. Sandro diz que a mudança na metodologia irá reduzir a quantidade de peixes capturados durante as campanhas, reduzindo assim o impacto causado pelo próprio monitoramento. Informa que vai ter registro sim, pois o monitoramento captura os peixes pequenos, nos bergários, que irão comprovar existência do tucunaré, por exemplo. Informa também que no desembarque é registrado de onde vem o peixe. Giliarde insiste que deve ser incluída a pesca com linha. Sandro informa que é feito o acompanhamento do PGTI, que mostra o que está ocorrendo no dia a dia na TI. Sandro informa que o tucunaré aparece no desembarque pesqueiro e que tem o monitoramento desde 2012. Giliarde sugere que seja inserida a pesca com linha utilizando os apetrechos que os indígenas usam. Fabricio N esclarece que o monitoramento do peixe é para conhecer as espécies existentes e seus hábitos. Para saber o esforço de pesca é utilizada outra metodologia. Silvia diz que os indígenas tem interesse somente nos peixes importantes para eles. Fabricio N lembra que o PGTI faz o monitoramento da mesma forma que os indígenas fazem. Silvia diz que o modo de pescar dos índios é diferente do modo de pescar do monitoramento, e que neste é utilizado a malhadreira e pega muitos peixes e com a linha não pega esta quantidade. Sandro diz que se colocarem linha será uma pesca direcionada e a Silvia diz que claro que é direcionada, que a pesca dos índios é direcionada para os peixes que eles querem comer. Ainda sobre a carta, Estella lê: "Quanto à pesca de acaris, estamos muito preocupados, porque os peixes começaram recentemente a ficar doentes. Eles não têm mais resistência e morrem com facilidade. Logo depois de tirar do rio eles mudam a cor

Sandra Soares

[Handwritten signature]

Ronaldo Soares

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

tem mais resistência e morrem com facilidade. Logo depois de tirar do rio eles mudam a cor muito preocupados, porque os peixes começaram recentemente a ficar doentes. Eles não que eles querem comer. Ainda sobre a carta, Estella lê: "Quanto à pesca de acaris, estamos Silvia diz que claro que é direcionada, que a pesca dos índios é direcionada para os peixes pega esta quantidade. Sandro diz que se colocarem linha será uma pesca direcionada e a monitoramento, e que neste é utilizado a malhadreira e pega muitos peixes e com a linha não fazem. Silvia diz que o modo de pescar dos índios é diferente do modo de pescar do eles. Fabricio N lembra que o PGTI faz o monitoramento da mesma forma que os indígenas metodologia. Silvia diz que os indígenas tem interesse somente nos peixes importantes para espécies existentes e seus hábitos. Para saber o esforço de pesca é utilizada outra os indígenas usam. Fabricio N esclarece que o monitoramento do peixe é para conhecer as desde 2012. Giliarde sugere que seja inserida a pesca com linha utilizando os apetrechos que informa que o tucunaré aparece no desembarque pesqueiro e que tem o monitoramento o acompanhamento do PGTI, que mostra o que está ocorrendo no dia a dia na TI. Sandro o peixe. Giliarde insiste que deve ser incluída a pesca com linha. Sandro informa que é feito do tucunaré, por exemplo. Informa também que no desembarque é registrado de onde vem o peixe. Giliarde insiste que deve ser incluída a pesca com linha. Sandro informa que é feito o monitoramento captura os peixes pequenos, nos bergários, que irão comprovar existência impacto causado pelo próprio monitoramento. Informa que vai ter registro sim, pois o reduzir a quantidade de peixes capturados durante as campanhas, reduzindo assim o a dificuldade que tem para pescar com a linha. Sandro diz que a mudança na metodologia irá porque não pode ser acrescentado. Giliarde reforça que tem que ser incluído a linha para ver E que tem que acrescentar pesca com linha. Estella pergunta se é feita pesca com linha e câmeras só dará certo na seca, quando tiver com alta turbidez vai ser difícil utilizar a câmera. fazendo o monitoramento no período da seca. Giliarde diz que este monitoramento com metodologia ou pontos de monitoramento. Sandro informa que agora terão câmeras científica utilizada em todo o Brasil. Acrescentar pontos é mais viável, do que alterar comparar e o trabalho de 3 anos pode ser perdido Sandro informa que é uma metodologia monitoramento, e com isso é difícil alterar a metodologia, porque depois não poderá mais apetrechos de pesca são utilizados. Sandro informa que já tem dados de 3 anos de espécies." Sandro informa que são monitorados todos os ambientes aquáticos, e diversos porque não são monitorados os ambientes mais adequados para captura das principais trilhas de pesca utilizadas não são as adequadas para as espécies mais comuns do rio e são os peixes que mais pescamos (que citamos acima), e pensamos que isso é porque as ictiofauna. Os peixes que mais aparecem nos relatórios de monitoramento de ictiofauna não gostaríamos de rediscutir os métodos de coleta de peixes para o monitoramento de para o IBAMA sugerindo a inserção desse ponto. Estella lê outro trecho: "Além disso, IBAMA. André informa que o Comitê do TVR terá que fazer uma nota técnica e encaminhar procedimento de licenciamento ambiental e essa solicitação deverá ser encaminhada ao resultado será apresentado nos próximos RCS. Estella lê outro trecho: "Nenhum ponto de coleta do monitoramento de ictiofauna está nas Terras Indígenas ou nos locais em que mais pescamos." Fabricio N lembra que a inclusão de novos pontos terá que entrar no procedimento de licenciamento ambiental e essa solicitação deverá ser encaminhada ao IBAMA. André informa que o Comitê do TVR terá que fazer uma nota técnica e encaminhar para o IBAMA sugerindo a inserção desse ponto. Estella lê outro trecho: "Além disso, gostaríamos de rediscutir os métodos de coleta de peixes para o monitoramento de ictiofauna. Os peixes que mais aparecem nos relatórios de monitoramento de ictiofauna não são os peixes que mais pescamos (que citamos acima), e pensamos que isso é porque as trilhas de pesca utilizadas não são as adequadas para as espécies mais comuns do rio e porque não são monitorados os ambientes mais adequados para captura das principais espécies." Sandro informa que são monitorados todos os ambientes aquáticos, e diversos apetrechos de pesca são utilizados. Sandro informa que já tem dados de 3 anos de monitoramento, e com isso é difícil alterar a metodologia, porque depois não poderá mais comparar e o trabalho de 3 anos pode ser perdido Sandro informa que é uma metodologia científica utilizada em todo o Brasil. Acrescentar pontos é mais viável, do que alterar metodologia ou pontos de monitoramento. Sandro informa que agora terão câmeras fazendo o monitoramento no período da seca. Giliarde diz que este monitoramento com câmeras só dará certo na seca, quando tiver com alta turbidez vai ser difícil utilizar a câmera. E que tem que acrescentar pesca com linha. Estella pergunta se é feita pesca com linha e porque não pode ser acrescentado. Giliarde reforça que tem que ser incluído a linha para ver a dificuldade que tem para pescar com a linha. Sandro diz que a mudança na metodologia irá reduzir a quantidade de peixes capturados durante as campanhas, reduzindo assim o impacto causado pelo próprio monitoramento. Informa que vai ter registro sim, pois o monitoramento captura os peixes pequenos, nos bergários, que irão comprovar existência do tucunaré, por exemplo. Informa também que no desembarque é registrado de onde vem o peixe. Giliarde insiste que deve ser incluída a pesca com linha. Sandro informa que é feito o acompanhamento do PGTI, que mostra o que está ocorrendo no dia a dia na TI. Sandro informa que o tucunaré aparece no desembarque pesqueiro e que tem o monitoramento desde 2012. Giliarde sugere que seja inserida a pesca com linha utilizando os apetrechos que os indígenas usam. Fabricio N esclarece que o monitoramento do peixe é para conhecer as espécies existentes e seus hábitos. Para saber o esforço de pesca é utilizada outra metodologia. Silvia diz que os indígenas tem interesse somente nos peixes importantes para eles. Fabricio N lembra que o PGTI faz o monitoramento da mesma forma que os indígenas fazem. Silvia diz que o modo de pescar dos índios é diferente do modo de pescar do monitoramento, e que neste é utilizado a malhadreira e pega muitos peixes e com a linha não pega esta quantidade. Sandro diz que se colocarem linha será uma pesca direcionada e a Silvia diz que claro que é direcionada, que a pesca dos índios é direcionada para os peixes que eles querem comer. Ainda sobre a carta, Estella lê: "Quanto à pesca de acaris, estamos muito preocupados, porque os peixes começaram recentemente a ficar doentes. Eles não têm mais resistência e morrem com facilidade. Logo depois de tirar do rio eles mudam a cor

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

Prunes

Rodrigo Summe Rente

Rodrigo S.

Naiana P.

[Handwritten signature]

Estellabaudi

[Handwritten signature]

e o rabo deles cai. Isso causou uma diminuição da comercialização de peixes ornamentais porque os compradores não aceitam mais os peixes da região. Não tivemos explicação sobre a razão disso acontecer." Sandro informa que no monitoramento dos peixes, também é feita a coleta do acari, e até o momento não teve o registro de nenhuma ocorrência dessa natureza. Maurício informa que houve relato de uma representante da Acepat que informou sobre a doença em alguns acaris, provavelmente um fungo e pelas informações não teria relação com a qualidade de água. Estella diz que se as espécies amarelinho, zebra, boi de boca, assacu e picota ouro não estiverem contempladas nas 40 espécies monitoradas na nova metodologia nos próximos RCSS sugere que sejam incluídos. Giliarde reclama que já perderam alguns sítios de pesca que ficam à jusante e outros serão perdidos à montante. Sem mais, encerrou-se a reunião, cuja ata, depois de lida e considerada conforme, foi assinada por todos os presentes.

Arara da Volta	Aldeia Guary-Duan	Titular: João Carlos	Suplente:
	Grande do Xingu	Titular: JOSÉ ARAKA	Suplente:
Paquigamba	TerrãWangã	Titular: JOSÉ ARAKA	Suplente:
	Paquigamba	Titular:	Suplente:
	Miratu	Titular: Giliarde	Suplente:
Furo Seco	Miratu	Titular: Giliarde	Suplente:
	Paquigamba	Titular: Benildo Soares	Suplente:
	Furo Seco	Titular: Benildo Soares	Suplente:
FUNAI	Titular: Estella Libardi de Souza	Suplente: Estella Libardi de Souza	
	Suplente: Francisco Brasil		
NORTE ENERGIA	Titular: André Tambara	Suplente: André Tambara de Campos	
	Suplente: Joana Dorn		

Maurício P.

Rodrigo Pastor

Maximiliano

Joana Dorn

Estella Libardi de Souza

Benildo Soares

Giliarde

José Araka

José Carlos

Rodrigo

Maurício

Joana Dorn

Francisco Brasil

André Tambara

André Tambara de Campos

14

INSTITUIÇÃO/ALDEIA	NOME
Norte Energia	Fabricio Fato de Aguiar
Agrar/ENGETEC	Mauricio Moura
ENGE	Ushikawa, Rami
Agrar/ENGETEC	Rodrigo Sato Brasil
Agrar/Engtec	Sandro Ietsuo Emoto
Norte Energia	CARLA MOVA
Norte Energia /SAF	Norma Moura
Agrar/Engtec	Rodrigo PASTE
Agrar/ENGETEC	IVAN PEREIRA
NORTE ENERGIA S.A.	Andre Taulheres de Couraço
Mimantia	Gerson Gurgum
Mikatu	Mauricio Fato de Aguiar
Parque Camba	Gerson grande Moura
PARISANBA	Diliane e rodri
PARISANBA	Ceylan Moura Sander
PARISANBA	JOSIE & JURVA
MIRATU	Dorival Gurgum
MIRATU	Diliane Rodri de Aguiar
Mikatu	Bernardo Serrão
FURO SECO	Jo SENEI, AKARA
TERÇA WONGA	Elizang Vitor Gasilva
FURO SECO	GILSON de Aguiar Moura
FURO SECO	Raimundo Pereira de Aguiar
Mikatu	Edson Moura Moura
Mikatu	Edson Moura Moura
FURO SECO	Dany SHIN Park
FURO SECO	Augustino Pereira Moura
FURO SECO	Dany SHIN Park

Presentes: